

Situação: O preprint não foi submetido para publicação

BULLYING E MEDIDAS PARA MINIMIZÁ-LO: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCACIONAIS

Alicia Helena Mendes Salmazo, Lucía Rinaldi, Noah Serrati Moreno, Camila Santos Oliveira, Francisco Ubaldo Vieira Junior

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2444>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.

Submetido em: 2021-06-03

Postado em: 2021-06-08 11:31:37 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

BULLYING E MEDIDAS PARA MINIMIZÁ-LO: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCACIONAIS

ALICIA HELENA MENDES SALMAZO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5094-294X>

CAMILA DOS SANTOS OLIVEIRA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0023-2069>

LUCÍA RINALDI³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8157-1854>

NOAH SERRATI MORENO⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5631-9916>

FRANCISCO UBALDO VIEIRA JUNIOR⁵

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0419-6971>

RESUMO: O *bullying* é um ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coação, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. É um problema ainda presente na vida dos jovens, principalmente no ambiente escolar. O objetivo desse trabalho foi analisar as diferenças percebidas pelos estudantes quanto aos motivos das vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-las, em diferentes contextos educacionais. Utilizou-se de um questionário adaptado do modelo “Peer Victimization Scale” de Mynard e Joseph (2000) com duas perguntas sobre a ocorrência de vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-lo. As respostas dos estudantes foram categorizadas relativas a cada pergunta. As respostas da categoria 1 foram classificadas em: minha culpa, culpa do outro e naturalização. As respostas da categoria 2 foram classificadas em: Auxílio individualizado, sensibilização, punição, supervisão e nada a fazer. Os resultados categorizados foram relacionados aos dados quantitativos de vitimização e baseado nos resultados foram feitas considerações para ações anti-*bullying* nas escolas.

Palavras-chave: Vitimização, *bullying*, adolescentes, escolas.

BULLYING AND MEASURES TO REDUCE IT: PERCEPTION OF HIGH SCHOOL STUDENTS IN DIFFERENT EDUCATIONAL CONTEXTS

ABSTRACT: *Bullying* is a systematic aggressive act, involving threat, intimidation or coercion, practiced against someone, by an individual or a group of people. It is a problem still present in young people, especially in the school environment. The objective of this work was to analyze the reasons of *bullying* victimization and measures to minimize them, in different educational contexts, perceived by students.

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<aliciasalmazo58@gmail.com>

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<camilabitencourt84@gmail.com>

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<luciarinaldi2703@gmail.com>

⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<nimoreno2103@gmail.com>

⁵Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campinas, São Paulo (SP), Brasil. <ubaldo@ifsp.edu.br>.

⁵Universidade Estadual de Campinas, Centro de Engenharia Biomédica, Campinas, São Paulo (SP), Brasil. <ubaldo@unicamp.br>.

A questionnaire was used, adapted from the “Peer Victimization Scale” model by Mynard and Joseph (2000), with two questions about the occurrence of victimization by bullying and measures to minimize it. Student responses were categorized for each question. The responses in category 1 were classified as: my fault, the fault of the other and naturalization. Category 2 responses were classified as: Individualized assistance, awareness, punishment, supervision and nothing to do. The categorized results were related to quantitative victimization data and considerations were made for *anti-bullying* actions in schools based on the results.

Keywords: Victimization, *bullying*, adolescents, schools.

BULLYING Y MEDIDAS PARA MINIMIZARLO: PERCEPCIÓN DE ESTUDIANTES DE ENSEÑANZA MEDIA EN DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS

RESUMEN: El *Bullying* es un acto agresivo sistemático que implica una amenaza, intimidación o coacción que puede ser llevado a cabo por una o más personas en contra de alguien. Es un problema que está presente en la vida de los jóvenes, principalmente en el ámbito escolar. El objetivo de este trabajo es analizar las diferencias percibidas por los estudiantes de los motivos de la victimización por *bullying* y las medidas para minimizarlas en diferentes contextos educativos. Utilizamos un cuestionario adaptado del modelo *Peer Victimization Scale*, de Mynard y Joseph (2000), con dos preguntas sobre la aparición de victimizaciones por *bullying* y medidas para minimizarlas. Las respuestas de los estudiantes fueron categorizadas y relacionadas a cada pregunta. Las respuestas de la categoría 1 fueron clasificadas en: mi culpa, culpa del otro y naturalización. Las respuestas de la categoría 2 fueron clasificadas en: auxilio individual, sensibilización, punición, supervisión, nada que hacer. Los resultados categorizados fueron relacionados a los datos cuantitativos de la victimización; en base a los resultados fueron hechas consideraciones para acciones anti *bullying* en las escuelas.

Palabras-clave: Victimización, *bullying*, adolescentes, escuelas

INTRODUÇÃO

A escola consiste em ambiente de aprendizado, mas também de produção da violência escolar, onde o *bullying* expõe os escolares a condições de vulnerabilidade tendo como determinantes as variáveis individuais, familiares, escolares e socioculturais (MELLO, 2017).

O *bullying* é considerado um fenômeno comum, especialmente entre os estudantes (BAUER, 2007; REZAPOUR, 2014). Costuma ocorrer entre colegas de forma deliberada, com agressões físicas, verbais e psicológicas. É um tipo de violência que persiste ao longo do tempo, ocorrendo em decorrência do desequilíbrio de poder em favor dos gressores (OLWEUS, 2013; REZAPOUR, 2014; WANG, 2009).

As vítimas frequentemente sofrem uma série de efeitos negativos, podendo ser associados ao *bullying*: depressão, ansiedade, solidão, relações sociais de baixa qualidade, comportamentos infracionais, indisciplina, reprovação escolar, evasão, uso de álcool e drogas, automutilação e suicídio (WOLKE, 2015; KIM, 2016; ZHU, 2015; BENEDICT, 2014; HINDUJA, 2018).

Os agressores podem apresentar dificuldades emocionais, problemas no relacionamento inter-pares, dificuldades para adaptação, maior consumo de álcool e outras drogas, o que pode afetar o processo de ensino-aprendizagem e a saúde desses estudantes (OLIVEIRA, 2016).

Esse panorama é complexo e consiste em desafio para os profissionais da educação, psicologia e saúde, bem como para o desenvolvimento de políticas públicas, tendo em vista sua alta prevalência e as repercussões na escolaridade, no desenvolvimento psicossocial e nas condições de saúde dos indivíduos (BENEDICT, 2014; SILVA, 2017).

As vítimas de *bullying* podem apresentar sentimento de culpa, baixa auto-estima e com agravante de não buscam redes de apoio (BULTON, 2017).

No Brasil, conforme determinação da Lei n.º. 13.66/2018, a qual altera o artigo 12 da Lei n.º. 9.39/1996, incluí a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, em especial a intimidação sistemática (*bullying*) no âmbito escolar, bem como o estabelecimento de ações para promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018).

O envolvimento e apoio efetivo de educadores são fundamentais para promoção da segurança nos ambientes escolares, onde comportamentos de perpretação sejam desestimulados, com decréscimo das vitimizações (WINNIE, 2018).

Apresenta-se, na literatura internacional, diversos estudos experimentais e quasi-experimentais sobre intervenções *anti-bullying*, que foram implementados em vários países com estudantes de diversas faixas etárias, tendo apresentado evidências de redução do bullying e/ou cyberbullying (MATISCHEK-JAUK, 2017; BULTON, 2017; NAIDOO, 2016, Palladino, 2016; Chaux, 2016; TIMMONS-MITCHELL, 2016; WÖLFER, 2014).

As estratégias de intervenções podem ser realizadas: 1) por professores e equipe das escolas, 2) profissionais externos a escola, 3) por estudantes, sendo que as duas primeiras categorias apresentaram evidências científicas de mitigação do bullying no âmbito escolar, porém em contrapartida aquelas mediadas por alunos, não apresentaram comprovação de eficácia (GONÇALVES, 2019).

Para redução do cyberbullying entre os estudantes, se faz necessária a participação de vários segmentos), com implementação de medidas e regras para uso de dispositivos eletrônicos no âmbito escolar, com ações pactuadas com pais e/ou responsáveis para manutenção de regras na família (RICE, 2015).

Alguns tipos de bullying ocorrem mais frequentemente em relação ao gênero do que outros. Estudos demonstraram que ocorreram, com maior prevalência, o bullying físico no gênero masculino e o social no feminino (VIEIRA JR, 2020; STUBBS-RICHARDSON, 2018), porém apresentaram resultados controversos no cyberbullying (SALMON, 2018).

Na implementação das práticas de intervenções, deve-se avaliar previamente a natureza, presença e frequência de bullying para verificar as manifestações específicas, pois um programa pode ser viável em um dado ambiente e não em outro. Os comportamentos não se manifestam da mesma maneira em diferentes países, regiões, culturas ou escolas, sendo fundamental analisar quais componentes são mais eficientes para redução da vitimização e perpetração do bullying (GAFFNEY, 2019).

O Cross-Age Teaching of Social Intervention (CATS) foi desenvolvido por psicólogos, e trabalhou em pequenos grupos cooperativos de alunos que atuaram e informaram que os agressores eram errados, e as vítimas também, devido ao fato de não buscarem apoio social. Este programa proporcionou a redução da auto-culpa, melhora da auto-estima e incrementou a divulgação do bullying escolar (Boulton, 2017).

O programa educacional KiVa apresentou bons resultados nas escolas, com redução dos níveis de ansiedade e vitimizações. Nesse programa, os alunos foram incentivados a tecer interações sociais positivas, com desenvolvimento de novas habilidades, tornando-se mais autoconfiantes e resistentes ao bullying (WILLIFORD, 2012).

O Modelo Integrado para Mudança de Comportamento foi aplicado em escolas africanas e apresentou boas evidências de redução do bullying verbal e da violência de gênero. Nessa intervenção educacional, o conhecimento e conscientização, foram apontados como fundamentais para gerar novos padrões de comportamento dos alunos (NAIDOO, 2016).

Em estudo, Bowllan (2011) utilizou o questionário revisado de Olweus e implementou o Olweus Bullying Prevention Program (OBPP), obteve redução da prevalência do bullying em estudantes do gênero feminino no 7º ano e verbal indireto no 8º ano, com resultados estatisticamente significantes. Após um ano de implantação da OBPP, professores relataram aumento da capacidade de identificar o bullying, bem como de conversar com perpetradores e estudantes vitimizados (BOWLLAN, 2011).

Na atualidade, há vários programas de intervenções anti-bullying, como: Bully Proofing your School, fairplayer.manual, KiVa, OBPP, Second Step, Steps to Respect, Visc. O OBPP foi considerado o mais efetivo na perpretação do bullying, com redução em torno de 26%. O No Trap foi o mais efetivo, com redução da vitimização em torno de 37% e perpretação em torno de 22%, porém os dados não

foram estatisticamente significantes. O Kíva reduziu a perpetração do bullying em torno de 9% e vitimização em 11%. O Visc não apresentou efeito desejado, porém os resultados não foram estatisticamente significantes. (GAFFNEY, 2019).

OBJETIVO

Analisar as diferenças percebidas pelos estudantes quanto aos motivos das vitimizações por bullying e medidas para minimizá-las, em diferentes contextos educacionais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo misto, descritivo, transversal, direcionado a adolescentes escolares matriculados em escolas públicas e privadas nos períodos matutino, vespertino e noturno, nas séries do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e 1º ao 4º Módulo do ensino técnico concomitante/subsequente.

Consideraram-se como critérios de inclusão: o indivíduo com idade entre 14 e 19 anos regularmente matriculado nas séries acima descritas e que se encontrava presente na sala de aula no momento da coleta de dados. Estabeleceu-se como critério de exclusão: ter mais de 19 anos de idade.

Selecionaram-se, por conveniência, duas escolas públicas (E1 e E4) e duas, privadas (E2 e E3), totalizando 968 estudantes matriculados com os seguintes cenários de coleta de dados:

E1 – Escola pública federal gratuita, com cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino, com 192 estudantes matriculados. Forma de ingresso: análise de currículo. Tempo de funcionamento: quatro anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: presente. Professores em regime de dedicação exclusiva;

E2 – Escola particular, com cursos de Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino, com 254 estudantes matriculados. Forma de ingresso: matrícula paga. Tempo de funcionamento: 105 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas;

E3 – Escola particular confessional católica, com cursos de Ensino Médio no período matutino, com 153 estudantes matriculados. Forma de ingresso: matrícula paga. Tempo de funcionamento: 66 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas;

E4 – Escola pública estadual gratuita, com cursos técnicos concomitantes/subsequentes ao Ensino Médio, com cursos modulares (seis meses cada módulo) no período noturno, com 522 estudantes matriculados. Forma de ingresso: prova escrita de seleção. Tempo de funcionamento: 35 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas.

Convidou-se todos os alunos a participarem da pesquisa no período entre agosto e setembro de 2019. Coletaram-se os dados por meio de questionário contendo cinco blocos de perguntas estruturadas da seguinte forma:

Bloco 1: com perguntas relacionadas a dados gerais e familiares;

Bloco 2: com perguntas relacionadas ao sono adaptadas do Índice de Qualidade de Sono de Pittsburg;

Bloco 3: com perguntas relacionadas à escola, amigos, professores e autoimagem.

Bloco 4: com perguntas sobre vitimização por *bullying* adaptadas do instrumento Peer Victimization Scale (PVS) (MYNARD, 2000) e ao *cyberbullying* (RASKAUSKAS, 2007).

Bloco 5: com duas perguntas subjetivas (abertas):

Pergunta 1 – Relacionada aos motivos da vitimização: “No seu entendimento, quais os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis para com você na escola?”.

Pergunta 2 – Relacionada a ações a serem adotadas na escola para mitigar a vitimização: “Na sua opinião que medidas poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos desagradáveis na sua escola?”.

Analisaram-se e individualizaram-se os resultados das perguntas abertas 1 e 2 em categorias, sendo as mesmas constituídas por palavras, expressões e frases dos participantes e agrupadas por semelhanças segundo o significado mais representativo relacionado a cada pergunta. Utilizou-se, para a análise, o referencial teórico de Bardin¹⁶, sendo realizados a pré-análise, exploração e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados.

Inseriram-se os dados, após a coleta, em uma planilha do programa *Excel* 2016 (Microsoft).

Relacionou-se os dados qualitativos das perguntas abertas (bloco 5) com os resultados quantitativos obtidos dos blocos 1, 2, 3 e 4, já publicados (VIEIRA JR, 2020). Realizou-se a análise estatística com o auxílio do programa BioEstat 5.2, sendo utilizado o teste exato de Fischer, qui-quadrado e o teste G para a análise da tabela de contingência e o teste de Kruskal-Wallis para a comparação entre médias. Considerou-se, para todos os resultados, o nível de significância estatística de 5 % ($p < 0,05$).

Seguiram-se os parâmetros éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo a pesquisa aprovada por Comitê de Ética Parecer 3.596.416.

RESULTADOS

Construíram-se, na categoria 1, relacionada a pergunta aberta 1: “No seu entendimento, quais os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis para com você na escola?” e na categoria 2, relacionada a pergunta aberta 2: “Na sua opinião que medidas poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos desagradáveis na sua escola?”, em palavras, expressões e frases dos participantes e agrupadas por similitude segundo o significado mais representativo, sendo consideradas aquelas relacionadas à vivência dos estudantes na escola e sua relação com a vitimização. A tabela 1 mostra a distribuição das respostas dos estudantes agrupadas por categorias.

Tabela 1 – Distribuição das respostas dos estudantes sobre os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis (categoria 1) e as medidas que poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos (categoria 2), agrupadas por escola. São Paulo (SP), Brasil, 2019

Categoria 1	Frequência				
	Total (275)	E1 (73)	E2 (60)	E3 (34)	E4 (108)
Problema sou eu	54	16	10	14	14
Problema é o outro	74	15	24	8	27
Naturalização do <i>bullying</i>	16	8	1	1	6
Não ocorreu comigo	31	7	9	5	10
Não responderam (branco)	62	14	9	3	36
Respostas invalidadas	38	14	7	3	14
Porcentagem de respostas válidas	82,2	76,7	86,3	90,3	80,3
Categoria 2					
Auxílio individualizado	46	13	22	2	9
Sensibilização	87	29	14	13	31
Punição	37	5	7	6	19
Supervisão	15	3	6	5	1
Nada a fazer	11	3	1	2	5
Não responderam (branco)	29	4	1	0	24
Respostas invalidadas	50	16	8	6	20
Porcentagem de respostas válidas	71,3	72,6	84,7	82,4	59,6

Foram desconsideradas as respostas em branco e as inválidas que não se observaram significados relacionados aos motivos (categoria 1) e as medidas a serem adotadas (categoria 2), tais como reclamações e insatisfações dos estudantes.

Prevaleceram-se na categoria 1, as seguintes classificações:

Problema sou eu - caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relacionava o motivo a um comportamento seu ou inadequações nas suas atitudes indicando que a culpa da vitimização foi da própria vítima (minha culpa).

Refletem os excertos dos estudantes relacionados à classificação *o problema sou eu (culpa)* a relevância do tema.

[...] *eu sou uma pessoa fora do padrão de beleza ou até mesmo por ter características físicas (olhos, pele, tamanho e etc).* (ID053)

Não gostar de mim, do jeito que sou. (ID201).

Acho que o fato de que por incrível que pareça eu sou um cara bem de boa com tudo, isso desagrada algumas pessoas. (ID465).

[...] *eu sou um pouco mais infantil e brincalhona. Pois eu usava óculos/tampão.* (ID326).

Problema é o outro (culpa do agressor) - caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relacionava o motivo da vitimização a um comportamento exclusivo do agressor (culpa do agressor).

Algumas respostas foram representativas para essa classificação.

[...] *a pessoa que comete esse ato, muitas vezes pode ter problemas em casa ou pessoais (com ela mesma). Consequentemente, o indivíduo não sabe lidar com esses problemas e acaba descontando nos outros.* (ID319).

[...] *isso é falta de atenção para o agressor. É como se ele precisasse disso para se aparecer.* (ID461).

[...] *se sentem inferior e querem aumentar seu ego acabam inferiorizando outra pessoa para isso acontecer.* (ID18).

A naturalização do *Bullying* – representou-se essa classificação pela banalização da ação, considerando como normal ou apenas brincadeira.

Nessa classificação, algumas declarações dos estudantes que merecem destaque.

[...] *tapas e empurrões foram fracos e referindo-se a brincadeiras entre amigos, brincadeiras totalmente tranquilas para mim.* (ID08).

No caso de zombar considero normal, eu zombo e sou zombado e está tudo certo. (ID427).

[...] *não acontece, mas muitas vezes são por brincadeira.* (ID409).

Não tenho problemas – caracterizou-se pela descrição do sujeito de não ter ocorrido com ele comportamentos de vitimização.

Evidencia-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes.

Não tive comportamento desagradáveis na escola direcionado a mim. Porém com colegas da escola houve um distanciamento por causa de ciúmes, mas o ocorrido foi fora da escola. (ID260).

Nunca adotaram comportamentos desagradáveis contra mim. (ID315).

[...] *não ocorreu coisas desagradáveis comigo, porém na infância sofri muito bullying e nunca vou saber exatamente porquê.* (ID460).

Na categoria 2, foram prevalentes as seguintes classificações:

Auxílio individualizado – caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relatou, como medida para diminuir os comportamentos desagradáveis, o acompanhamento individualizado externo e por parte de profissionais da escola.

Refletem as respostas dos estudantes relacionados à classificação *auxílio individualizado*.

Conversar sobre o assunto, disponibilizar atendimento a quem sofre e responsabilizar quem pratica [...]. (ID36).

[...] *poderia ter um acompanhamento psicológico para quem sente a necessidade e para quem demonstra esses tipos de comportamento.* (ID236).

Um funcionário fixo para atender particularmente problemas não relacionados a notas e sim emocional. Mais interação dos professores em nossas vidas a parte dos estudos [...]. (ID322).

Sensibilização – representou-se, essa classificação, pelas respostas dos estudantes relacionadas a “conscientização” do *bullying* com propostas de debates, conversas e projetos relacionados ao tema.

Evidencia-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes.

[...] *os alunos devem promover projetos contra o bullying para que todos possam ter o conhecimento de como isso é ruim e faz mal para as outras pessoas.* (ID46).

[...] *palestras sobre a conscientização do problema, além de promover atividade em grupo.* (ID241).

[...] *palestras, rodas de conversas, grupos para conversar de bullying, inclusão das pessoas, os professores falarem sobre [...].* (ID318).

Punição – caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relacionava as medidas para diminuir a vitimização a alguma forma de contenção ou repressão do agressor.

Observaram-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes que merecem destaque.

Ter mais punição contra as pessoas que praticam este ato. também ter algum local que possa ser denunciado esses atos, e a vítima, ficaria totalmente em anônimo. (ID18).

Punir pessoas que praticam o bullying. Maior atenção de funcionários e professores no ambiente escolar. (ID2015).

Punições mais severas com os praticantes, além de longas conversas com eles para tentar conscientizar sobre isso. (ID547).

Supervisão – caracterizou-se pelas expressões relacionadas ao monitoramento e acompanhamento dos estudantes no ambiente escolar.

Revela-se e algumas respostas representativas para essa classificação.

Maior Supervisão do Responsável da escola em relação a conduta indevida do outro. (ID02).

Maior atenção dos professores sobre comportamentos dentro e fora da sala de aula, e conversar com os agressores e agredidos sobre o(s) ocorrido(s). (ID214).

Um melhor acompanhamento da direção e dos professores. (ID307).

Nada a fazer – caracterizou-se pela descrença dos participantes na existência do *bullying* e em qualquer medida que a escola possa adotar para a diminuição da vitimização.

Refletem as respostas dos estudantes relacionados à classificação *nada a fazer*.

Nada. Deve-se deixar como está, pois até agora não foi notado nenhum caso sério de bullying em nossa escola a não ser brincadeiras entre amigos. (ID01).

Só mudando de ambiente. (ID21).

A escola devia participar mais da vida do aluno. Atualmente as escolas são inúteis quando se diz respeito a bullying. (ID467).

A tabela 2 mostra a média (desvio-padrão) das vitimizações dos estudantes distribuídas nas classificações das categorias 1 e 2, agrupadas por escola.

Tabela 2. Distribuição das médias (desvio-padrão) das vitimizações nas classificações por categoria, nas escolas. São Paulo (SP), Brasil, 2019.

Categoria 1	Geral	E1	E2	E3	E4
Problema sou eu	8,69(6,40)*	8,00(5,68)	5,00(3,65)	13,29(6,19) †	7,50(6,84)
Problema é o outro	5,84(5,03)	7,93(5,35)	4,75(4,44)	7,00(5,97)	5,30(4,92)
Naturalização do <i>bullying</i>	3,81(4,23)	2,57(3,73)	--	--	3,57(2,82)
Não ocorreu comigo	1,03(1,72)	0,71(1,49)	1,56(2,07)	0,80(1,79)	0,90(1,67)
Categoria 2					
Auxílio individualizado	4,22(4,82)	6,15(6,75)	3,77(3,98)	4,50(2,12)	2,44(3,08)
Sensibilização	4,84(5,74)	5,90(6,31)	3,07(2,13)	9,23(7,99)	2,81(3,81)
Punição	6,54(5,48)*	8,20(6,57) †	5,88(6,01)	4,67(4,63)	7,00(5,45) †
Supervisão	4,87(6,81)	0,33(0,58)	6,33(4,46)	10,00(9,14)	--
Nada a fazer	10,12(6,28)*	12,00(3,46)	--	15,00(0,00)	7,40(6,21) †

Nota: (*) $p < 0,05$, (†) $p < 0,01$.

Os resultados da tabela 2 mostram que a média das vitimizações por *bullying* foram diferentes entre as escolas nas classificações das duas categorias. As maiores médias de vitimizações das escolas, na categoria 1, foram na classificação problema sou eu, mas com significância estatística apenas na escola E3 (13,29) e quando as médias globais nas quatro escolas são consideradas (8,69).

Observa-se, nas classificações da categoria 2, que a *punição* (6,54) e *nada a fazer* (10,12) tiveram as maiores médias e, estatisticamente iguais, de vitimizações, quando considerado todas as escolas. Quando analisadas individualmente, somente a escola E4 mostrou maior média significativa nas classificações punição (7,00) e nada a fazer (7,40).

A tabela 3 mostra a distribuição das respostas dos estudantes classificadas nas categorias 1 e 2 segundo escola, gênero e cor.

Tabela 3 – Caracterização dos participantes segundo as classificações das respostas nas categorias 1 e 2 com as variáveis escola, gênero e cor. Estado de São Paulo, Brasil, 2019.

Categoria 1

Variáveis	Problema sou eu				P	Problema é o outro				P	Naturalização do bullying				P
	Sim (n=54)		Não (n=121)			Sim (n=74)		Não (n=101)			Sim (n=16)		Não (n=159)		
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%	n	%	
Escola															
E1	16	35,6	29	64,4	0,048†	15	33,3	30	66,7	0,079†	8	17,8	37	82,2	0,042‡
E2	10	22,7	34	77,3		24	54,5	20	45,5		1	2,3	43	97,7	
E3	14	50,0	14	50,0		8	28,6	20	71,4		1	3,6	27	96,4	
E4	14	24,1	44	75,9		27	46,6	31	53,4		6	10,3	52	89,7	
Gênero															
Masculino	29	31,2	64	68,8	1,00*	37	39,8	56	60,2	0,540*	11	11,8	82	88,2	0,293*
Feminino	25	30,5	57	69,5		37	45,1	45	54,9		5	6,1	77	93,9	
Cor															
Branca	30	26,8	82	73,2	0,128*	55	49,1	57	50,9	0,017*	9	8,0	103	92,0	0,587*
Não branca	24	38,1	39	61,9		19	30,2	44	69,8		7	11,1	56	88,9	
Categoria 2															
Variáveis	Auxílio Individualizado				p	Sensibilização				p	Punição				p
	Sim (n=46)		Não (n=150)			Sim (n=87)		Não (n=109)			Sim (n=37)		Não (n=159)		
	n	%	N	%		n	%	N	%		n	%	n	%	
Escola															
E1	13	24,5	40	75,5	0,001*	29	54,7	24	45,3	0,034†	5	9,4	48	90,6	0,036†
E2	22	43,1	29	56,9		14	27,5	37	72,5		7	14,0	43	84,3	
E3	2	7,1	26	92,9		13	46,4	15	53,6		6	21,4	22	78,6	
E4	9	14,1	55	85,9		31	48,4	33	51,6		19	29,2	46	71,9	
Gênero															
Masculino	13	13,7	82	86,3	0,002*	47	49,5	48	50,5	0,196*	23	24,2	72	75,8	0,070*
Feminino	33	32,7	68	67,3		40	39,6	61	60,4		14	13,9	87	86,1	
Cor															
Branca	29	22,7	99	77,3	0,726*	57	44,5	71	55,5	1,00*	24	18,8	104	81,3	1,00*
Não branca	17	25,0	51	75,0		30	44,1	38	55,9		13	19,1	55	80,9	

Nota: (*)Teste exato de Fischer, (†)Qui- Quadrado, (‡)Teste G.

Os resultados da tabela 3 mostram diferenças estatisticamente significantes nas classificações da categoria 1, relativa aos motivos que levaram os outros a vitimizarem. As duas classificações: *problema sou eu* e *naturalização do bullying*, mostraram diferenças entre as escolas, isto é, a escola E3 teve a maior proporção de estudantes na classificação *problema sou eu* ($p=0,048$) e a escola E1, maior proporção de *naturalização do bullying* ($p=0,042$). Já a classificação *problema é o outro*, maior proporção de estudantes foram os que declararam da cor branca ($p=0,017$).

Na categoria 2, relacionada as medidas a serem adotadas para diminuir as vitimizações, que para as três classificações: *auxílio individualizado*, *sensibilização* e *punição*, houve diferenças significantes nas proporções dos estudantes das escolas. O *auxílio individualizado* foi prevalente na escola E2 ($p=0,001$), a *sensibilização*, na escola E1 ($p=0,034$) e a *punição*, na escola E4 ($p=0,036$). O *auxílio individualizado*, como medida para minimizar a vitimização, foi prevalente no sexo feminino ($p=0,002$).

As demais variáveis e classificações das categorias não mostraram significância estatística ($p>0,05$).

A tabela 4 mostra a Regressão Logística Múltipla e a influência das variáveis gênero e cor nas escolas relacionadas a categoria 2.

Tabela 4 – Regressão Logística Múltipla das variáveis gênero e cor associados as classificações e escolas, na categoria 2. Estado de São Paulo, Brasil, 2019.

Variável	Auxílio individualizado			Variável	Sensibilização		
	p	OR	IC 95%		p	OR	IC 95%
E1				E1			
Gênero	0,048	0,199	0,04-0,99	Gênero	0,727	--	--
Cor	0,016	0,066	0,01-0,60	Cor	0,016	4,58	1,33-15,83
E2				E2			
Gênero	0,046	0,181	0,03-0,96	Gênero	0,013	7,82	1,54-39,69
Cor	0,394	--	--	Cor	0,921	--	--

Os resultados da tabela 4 mostram que na escola E1 e E2 o gênero feminino teve 5 e 5,5 vezes mais chances, respectivamente, de responderem a classificação *auxílio individualizado* como medida para minimizar o *bullying*. A escola E1, a cor não branca, teve 15 vezes mais chances de responderem a classificação *auxílio individualizado*. A classificação *sensibilização*, mostrou maiores chances para cor branca de 4,6 vezes na escola E1 para o gênero masculino de 7,8 vezes, na escola E2.

Na categoria 1 e demais classificações não houve influência nas chances de respostas ($p > 0,05$).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é continuação de um estudo sobre o *bullying* em adolescentes escolares. A primeira parte dos resultados (VIEIRA JR, 2020), abordou os tipos de vitimizações mais prevalentes nas escolas (E1, E2, E3 e E4), suas características e quantificação. O presente trabalho relacionou, nas mesmas escolas (E1, E2, E3 e E4), as respostas classificadas dos estudantes (duas perguntas: motivos e medidas para minimizar o *bullying*) com as médias das vitimizações, gênero e cor.

Relatos da literatura indicam que vitimização por *bullying* traz diversos problemas aos estudantes desde baixo desempenho escolar até ideação suicida.

Diversos países têm estabelecido diretrizes legais *anti-bullying* e tem enfrentado o problema por meio de várias iniciativas por intermédio dos governos e autoridades educacionais (Ananiadou & Smith, 2002).

Apesar da legislação brasileira incluir medidas de conscientização e combate a intimidação sistemática, há poucos indícios de ações nacionais sistemáticas que priorizem o combate ao *bullying* nas escolas.

Mesmo com a dificuldade de se estabelecer o *bullying*, enquanto elemento recorrente (OLWEW, 2013; WOLK, 2015), a literatura nacional e internacional aponta diversas consequências que podem acompanhar o adolescente até a vida adulta (HOFFMAN, 2016; LEE, 2021).

No presente trabalho, 67% dos estudantes se classificaram na pergunta sobre medidas *anti-bullying*: auxílio individualizado; sensibilização; punição e supervisão e 52,4% se classificaram em: problema sou eu; problema é o outro e naturalização do *bullying*.

A classificação relacionada a pergunta 1 (“No seu entendimento, quais os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis para com você na escola?”) traz algumas reflexões onde 40% dos estudantes responderam que a agressão de *bullying* foi por sua própria culpa e 42% relataram que o problema está no outro (supostamente referindo-se ao agressor).

A vitimização por *bullying* tem implicações na autoestima. Para os meninos está relacionada ao desempenho pessoal, enquanto para as meninas, a autoestima fica suscetível a opinião das amigas (BANDEIRA, 2010). Traz consequência na saúde mental, depressão, isolamento social e suicídio (BRITO, 2013; MATOS, 2020)

Entre as escolas estudadas, a classificação “o problema sou eu”, teve maior média global de vitimizações (8,69). Estudos evidenciaram que vítimas de *bullying* podem ter uma visão negativa sobre a sua imagem, com dificuldades em se comunicar por sentir vergonha e culpa. A vítima acreditava que

merecia sofrer a violência, pelo fato de se enxergar diferente com relação aos outros (FERNANDES, 2015).

No presente estudo, aqueles que relataram a resposta “O problema é o outro” mostraram média global de vitimizações de 5,84 com maior incidência nas escolas E2 (54,5%) e E4 (46,6%). As respostas apontam que, na percepção das vítimas, os agressores tem problemas de insatisfação própria e possíveis dificuldades no convívio familiar.

O *bullying* é erroneamente colocado como parte do desenvolvimento dos jovens e algo sempre presente no ambiente escolar, esse pensamento é o fenômeno conhecido como naturalização (CHAVES, 2018).

Na presente pesquisa, a naturalização do *bullying* foi percebida em todas as escolas estudadas variando entre 1,9 e 13,6% das respostas válidas. Esse fenômeno foi mais prevalente nas escolas E1 e E4, instituições públicas.

A classificação relacionada a pergunta 2 (“Na sua opinião que medidas poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos desagradáveis na sua escola?”) com 67% de respondentes, mostra a preocupação dos estudantes em contribuir com alternativas para minimizar o *bullying* nas escolas. O auxílio individualizado, com destaque na escola E1, é considerado de extrema necessidade, tanto para as vítimas quanto para os agressores e faz-se necessário que as instituições de ensino forneçam auxílio individualizado.

A sensibilização, com destaque nas respostas da escola E3, foi a mais citada como forma de intervenção de ações *anti-bullying*. Diversos programas *anti-bullying* tratam a sensibilização no ambiente escolar, com destaque nas relações de amizade e o apoio no ambiente escolar. (GAFFNEY, 2019).

Uma das formas relatadas pelos estudantes para diminuição do *bullying* foi a punição, com destaque nas escolas E1 e E4.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069/1990, em consonância com a Constituição Federal, prevê punição diante de qualquer ação que prejudique a criança e o adolescente, tanto por ação como por omissão, desde que provada. O art. 15 prescreve que: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 1990).

A aplicação de punições é permitida legalmente em casos de *bullying*, conforme medidas aplicáveis para instituições de ensino, porém é importante evitar o uso da punição como medida de intervenção *anti-bullying*, e sim usar alternativas para promover a cidadania, capacidade empática, respeito e fortalecer os marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua. (SILVA, 2018).

A supervisão, como medida de intervenção, pode ser muito eficaz. Filhos que relataram que têm supervisão familiar, sofreram menos *bullying* quando comparados com os sem supervisão familiar (MELLO, 2017) e nas escolas, a supervisão de docente apresentou os mesmos resultados que a supervisão familiar, porém menos frequente, fazendo com que a escola se torne um local propício à práticas de *bullying* (ZEQUINÃO, 2016).

No presente trabalho, a percepção do estudante sobre a incapacidade da instituição de proteção da vítima e/ou do que é o *bullying* fica evidenciado pela maior média de vitimizações (10,12) na classificação “nada a fazer”.

A naturalização do *bullying* apenas faz com que muitas crianças e adolescentes camuflam as situações de violência as quais foram submetidas, e que conseqüentemente criem a sensação de que não há nada a se fazer diante à essas ocorrências (FRANCISCO, 2015).

Diversos programas, articulados com as escolas, vêm sendo utilizadas para mitigar o *bullying* e sua eficácia pode variar com base nos componentes específicos de natureza, frequência e tipo. Podem se manifestar de formas diferentes entre países, regiões, comunidades e escolas (GAFFNEY, 2019).

Os resultados das tabelas 3 e 4 mostram que a percepção dos estudantes quanto as classificações nas categorias podem variar em função do ambiente o qual o estudante está inserido.

Os contextos educacionais podem ser diversos e a forma como os educadores e a gestão educacional trata o assunto pode influenciar fortemente nas vitimizações por *bullying*.

A forma como os professores atuam em microagressões raciais e sutis de racismo e as experiências dos alunos negros em escolas predominantemente brancas, pode ter um impacto duradouro e prejudicial sobre a autopercepção, sentimentos de invisibilidade e desvalorização dos estudantes (KOHLI, 2012; ALLEN, 2009).

As questões de gênero também foram observadas nesse trabalho onde a diferenças entre os gêneros masculino e feminino apresentaram chances distintas para as classificações e escolas.

Com base nos resultados desse trabalho é possível considerar algumas ações *anti-bullying*:

Inicialmente, avaliar a presença, tipo e a frequência de *bullying* na escola.

Curto prazo (0 a 3 meses)

- Reunião de sensibilização com docentes e gestão escolar quanto a prevalência e tipos de vitimização;
- Utilizar aulas de disciplinas regulares para discutir e conceituar, em sala de aula, o *bullying* e *cyberbullying*;
- Estabelecer e divulgar medidas socioeducativas de repressão ao *bullying* (gestão escolar);
- Reunião com os coordenadores de curso e serviços socio pedagógicos visando centralizar as ações de articulação.

Médio prazo (3 a 6 meses)

- Articular ações para fortalecimento de vínculos entre os estudantes;
- Criar um programa de auxílio individualizado com auxílio de profissional Psicólogo, Pedagogo ou Assistente Social, disponibilização de horário e local para atendimento individualizado ao estudante, com ampla divulgação.

Longo prazo (6 a 12 meses)

- Abordar com os estudantes, em sala de aula, em disciplinas como: Filosofia, Sociologia, Educação Física e Arte, questões relacionadas a:
 - Culpa da vitimizado;
 - Culpa do agressor;
 - Naturalização do *bullying*;
- Construir e disponibilizar um site informativo com Fórum para discussão e mediação da vitimização.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Alicia Helena Mendes Salmazo: Escrita – Primeira versão, Investigação e Curadoria de Dados.

Camila dos Santos Oliveira: Escrita – Primeira versão, Investigação e Curadoria de Dados.

Lucía Rinaldi: Escrita – Primeira versão, Investigação e Curadoria de Dados.

Noah Serrati Moreno: Escrita – Primeira versão, Investigação e Curadoria de Dados.

Francisco Ubaldo Vieira Junior: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Revisão e Edição, Metodologia, Supervisão e Validação.

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflito de interesses

REFERÊNCIAS

- ALLEN, K. A Bullying Intervention System: Reducing Risk and Creating Support for Aggressive Students. *Preventing School Failure*, v. 54, n. 3, 2009. <https://doi.org/10.1080/10459880903496289>.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na autoestima dos adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>.
- BAUER, N.S., LOZANO, P.; FREDERICK P.; RIVARA, F. P. The Effectiveness of the Olweus Bullying Prevention Program in Public Middle Schools: A Controlled Trial. *Journal of Adolescent Health*, v. 40, n. 3, p. 266-274, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.10.005>.
- BENEDICT, F.T.; VIVIER, P. M.; GJELSVIK, A. Mental Health and Bullying in the United States Among Children Aged 6 to 17 Years. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 30, n. 5, 2014. <https://doi.org/10.1177/0886260514536279>.
- BOWLLAN, N. M. Implementation and evaluation of a comprehensive, school-wide bullying prevention program in an urban/suburban middle school. *J Sch Health*, n. 81, p. 167-173, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00576.x>.
- BOULTON, M. J.; BOULTON, L. Modifying self-blame, self-esteem, and disclosure through a cooperative cross-age teaching intervention for bullying among adolescents. *Violence and Victims*, v. 32, n. 4, p. 609-626, 2017. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VVD-15-00075>.
- BRASIL. *Lei Federal N° 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BRASIL. *Lei Federal N° 13.663, de 14 de maio de 2018*. Altera o art. 12 da Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=15/05/2018&totalArquivos=78>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *Jornal Pediatria*, v. 89, n. 6, p. 601-607, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2013.04.001>.
- CHAUX, E.; VELÁSQUEZ, A. M.; SCHULTZE-KRUMBHOLZ, A.; SCHEITHAUER, H. Effects of the cyberbullying prevention program media heroes (Medienhelden) on traditional bullying. *Aggress Behav*, v. 42, n. 2, p. 145-165, 2016. <https://doi.org/10.1002/ab.21637>.
- CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. *Rev Bras Educ*, v. 23, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230019>.
- FERNÁNDEZ, I. R.; GUERREIRO, R. N. C. A. Competências socioemocionais e bullying em adolescentes. *INFAD Revista de Psicología*, n. 2, v. 1, p. 243-252, 2015. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2015.n2.v1.339>.
- FRANCISCO, M. V.; COIMBRA, R. M. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estud. psicol.*, v. 20, n. 3, 2015.

<https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150020>.

GAFFNEY, H.; TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P. Evaluating the effectiveness of school-bullying prevention programs: An updated meta-analytical review. *Aggress Violent Behav*, n. 45, p. 111-113, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.001>.

GONÇALVES, G. O.; DEIQUES, E. L.; CARLOS, A. L. X. P.; IZIDORO JÚNIOR, C. A. R. Bullying como violência sistemática que conduz a estigmatização nas escolas de futebol. *Kinesis*, n. 37, p. 37:1-9, 2019. <https://doi.org/10.5902/2316546430606>.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Connecting Adolescent Suicide to the Severity of Bullying and Cyberbullying. *J Sch Violence* 2018;18(3):333-346. <https://doi.org/10.1080/15388220.2018.1492417>.
HOFFMAN, C. Y.; PHILLIPS, M. D.; DAIGLE, L. E.; TURNER, M. G. Adult Consequences of Bully Victimization: Are Children or Adolescents More Vulnerable to the Victimization Experience? *Youth Violence and Juvenile Justice*, v. 15, n. 4, 2016. <https://doi.org/10.1177/1541204016650004>.

KIM, S. G.; YUN, I. Bullying among South Korean adolescents: Prevalence and association with psychological adjustment. *Violence and Victims*, v. 31, n. 1, p. 167–184, 2016. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00138>.

KOHLI, R.; SOLÓRZANO, D. G. Professores, por favor, aprendam nossos nomes!: Microagressões raciais e a sala de aula do ensino fundamental e médio. *Raça Etnia e Educação*, v. 15, n. 4, p. 441-462, 2012. <https://doi.org/10.1080/13613324.2012.674026>.

LEE, J. Pathways from Childhood Bullying Victimization to Young Adult Depressive and Anxiety Symptoms. *Child Psychiatry & Human Development*, v. 52, p. 129-140, 2021. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-00997-4>.

MATISCHEK-JAUK, M.; KRAMMER, G.; REICHER, H. The life-skills program Lions Quest in Austrian schools: implementation and outcomes. *Health Promotion International*, v. 33, n. 6, p. 1022–1032, 2017. <https://doi.org/10.1093/heapro/dax050>.

MATOS, V. J. A.; SILVA, J. P.; SANTOS, K. D. A.; GUIMARÃES, V. M. A. Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. *Educar Mais*, v. 4, n. 3, p. 577-590, 2020. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>.

MELLO, F. C. *et al.* A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 22, n. 9, 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>.

MYNARD, H.; JOSEPH, S. Development of the multidimensional peer-victimization scale. *Aggress Behav*, v. 26, n. 2, p. 166-178, 2000. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(2000\)26:23.0.CO;2-A](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:23.0.CO;2-A)

NAIDOO, S.; SATORIUS, B. K.; VRIES, H.; TAYLOR, M. Verbal Bullying Changes Among Students Following an Educational Intervention Using the Integrated Model for Behavior Change. *Journal of School Health*, n. 86, v. 11, p. 767-851, 2016. <https://doi.org/10.1111/josh.12439>.

OLIVEIRA, W. A. *et al.* Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr*, v. 92, n. 32, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2015.04.003>.

OLWEUS, D. School Bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, v 9, p. 751-780, 2013. <https://doi.org/10.1146/annurevclinpsy-050212-185516>.

PALLADINO, B., E.; NOCENTINI, A.; MENESINI, E. Evidence-based intervention against bullying and cyberbullying: Evaluation of the NoTrap! program in two independent trials. *Aggressive Behavior*, v. 42, n. 2, p. 194-206, 2016. <https://doi.org/10.1002/ab.21636>.

RASKAUSKAS, J.; STOLTZ, A. D. Involvement in Traditional and Electronic Bullying Among Adolescents. *Dev Psychol*, v. 43, n. 3, p. 564-575, 2007. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.3.564>

REZAPOUR, M.; SOORI, H.; KHODAKARIM, S. Epidemiological Pattern of Bullying Among School Children in Mazandaran Province, Iran. *Arch Trauma Res*. v. 3, n. 4, 2014. <https://doi.org/10.5812/atr.22551>.

RICE, E., *et al.* Cyberbullying Perpetration and Victimization Among Middle-School Students. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 3, 2015. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2014.302393>.

SALMON, S.; TURNER, S.; TAILLIEU, T.; FORTIER, J.; AFIFI, T. O. Bullying victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional bullying, discriminatory harassment, and cybervictimization. *J Adolesc.*, n. 63, p. 29-40, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.005>.

SILVA, J. L.; REZENDE, B. M. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, p. 615-627, 2017. <https://doi.org/10.5902/1984686X28082>.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. Bullying nas escolas. *Direito e Realidade*, v. 6, n. 5, p. 27-40, 2018. Disponível em: <http://fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/view/1279/887>. Acesso em: 12 fev. 2021.

STUBBS-RICHARDSON, M.; SINCLAIR, H. C.; GOLDBERG, R. M. *et al.* Reaching Out versus Lashing Out: Examining Gender Differences in Experiences with and Responses to Bullying in High School. *Am J Crim Just*, v. 43, p. 39-66, 2018. <https://doi.org/10.1007/s12103-017-9408-4>.

TIMMONS-MITCHELL, J.; LEVESQUE, D. A.; HARRIS, L. A.; FLANNERY, D. J.; FALCONE, T. Pilot Test of StandUp, an Online School-Based Bullying Prevention Program. *Children & Schools*, v. 38, n. 2, p. 71-79, 2016. <https://doi.org/10.1093/cs/cdw010>.

VIEIRA JR, F. U.; VIEIRA, K. M. R.; MORETTI, A. C. Bullying com adolescentes escolares em diferentes contextos educacionais. *Rev. enferm. UFPE*, n. 14, p. 1-9, 2020. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.243622>.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, v. 45, n. 4, p. 368-375, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>.

WOLKE, D.; LEREYA, S. T. Long-term effects of bullying. *Arch Dis Child*, v. 100, n. 9, p.879-885, 2015. <http://dx.doi.org/10.1136/archdischild-2014-306667>.

WILLIFORD, A. *et al.* Effects of the KiVa Anti-bullying Program on Adolescents' Depression, Anxiety, and Perception of Peers. *J Abnorm Child Psychol*, n. 40, p. 289-300, 2012. <https://doi.org/10.1007/s10802-011-9551-1>.

WINNIE, M.; HOLMES, F.; TAYLOR, W.; KENDRA, T. The relationship of school climate, teacher defending and friends on students' perceptions of bullying in high school. *Journal of Adolescence*, n. 26, p. 128–139, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.11.012>.

WÖLFER, R.; SCHEITHAUER, H. Social influence and bullying behavior: Intervention-based network dynamics of the fairplayer.manual bullying prevention program. *Aggressive Behavior*, v. 40, n. 4, p. 309-319, 2014. <https://doi.org/10.1002/ab.21524>.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.*, v. 42, n. 1, 2016. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>.

ZHU, Y.; CHAN, K. L. Prevalence and correlates of school bullying victimization in Xi'an, China. *Violence and Victims*, v. 30, n. 4, p. 714–732, 2015. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00006>.